Enfermidades e a média de vida entre homens primitivos

Carlos Studart Filho

Possuimos hoje, como muito bem salientou Louquet, (1) um número apreciável de dados formais a respeito dos hábitos, condições de vida e constituição física do homem primitivo. Recolhidos, divulgados ou simplesmente interpretados por cientistas e técnicos do valor e honestidade de Boule, de Breuil, de Obermaier e de tantos outros sábios europeus e americanos, tais dados passaram ao domínio público, através das grandes monografias publicadas pelo Instituto de Paleontologia Humana, de Paris, e de revistas de cunho especializado de todo o Mundo Ocidental.

Graças a êles e, mais ainda, às indicações resultantes dos estudos de Vallois, Michaelis, Gangolfe, Rouillon, Pales e Roy L. Moodie, no campo especializado da paleopatologia, — essa ciência nova que tem por programa a discriminação e o estudo das lesões apresentadas por homens e animais pré-históricos e fósseis (2), sabemos que os nossos longínquos ancestrais europeus estiveram, como nós, sujeitos às mais estranhas e variadas enfermidades orgânicas.

Devemos, todavia, considerar estas afirmativas ainda sujeitas a possíveis correções, por isso que os diagnósticos retrospectivos dos fenômenos morbígenos que afligiam o homem das primeiras idades, firmam-se ùnicamente no exame de algumas peças ósseas acaso poupadas à completa ruina e capazes de fornecer apenas indícios, em verdade muito incompletos e pouco seguros, para autorizar tão amplas inferências.

(1) G. H. Louquet "L'art et la Religion des hommes fossiles" Paris, 1926.

(2) O têrmo paleopatologia foi criado pelo Prof. Ruffier na ocasião em que realizava estudos anátomo-patológicos das antigas múmias egípcias; êle o definiu como sendo a "ciência das doenças cuja existência pode ser demonstrada nos restos humanos e animais dos tempos antigos". Klebs estendeu o significado dêste têrmo ao estudo das lesões apresentadas também pelos homens e animais pré-históricos e fósseis (Pales).

Tôdas as partes moles do corpo e os órgãos essenciais à vida, onde ordinàriamente se aninham as doenças e afecções que causam a morte, desapareceram para sempre, deixando assim o pesquisador na impossibilidade absoluta de conhecer a maioria dos males físicos que vitimaram os povos mais antigos.

A existência de corpos intactos, exumados das turfeiras da Dinamarca, Holanda e Alemanha que poderiam servir aos diferentes estudos anátomo-patológicos esclarecedores das lesões mortais, não diminui as dificuldades da emprêsa, pois êles pertencem ao último período da era dos metais e, portanto, ao limiar da história.

Feitas essas ressalvas, já agora podemos examinar a ambiência onde transcorreu a vida do homem primitivo e, mais particularmente, o clima que nela vigorou, dados êstes cujo conhecimento se faz necessário para a inteligência de várias questões ligadas direta ou indiretamente à tese que vamos debater.

C L I M A

O clima, particularmente na primeira fase dos tempos quaternários, sofreu, através de suas componentes umidade e calor, acentuadas mutações pois esteve, quase sempre, na dependência dos movimentos de expansão e recuo das geleiras que cobriram a Europa no Pleistocênio. Alcançaram mesmo, os citados movimentos, tanta magnitude em ambos os hemisférios que, conforme todos sabem, o fato induziu os geólogos antigos a chamar a Era Quaternária de Época Glacial, esquecidos de que fenômenos semelhantes deram-se em pleno Terciário e até em tempos mais recuados.

Branner (3) cita provas satisfatórias de glaciação no mesozóico (Índia), e nos sistemas permiano (Austrália, Tasmânia e Brasil Meridional), carbonífero (Índia e África do Sul) e cambriano (China e Austrália) e também no arqueano (Canadá e Estados Unidos). (4)

O estudo das glaciações é fundamental para o conhecimento da história de nossos ancestrais, por isso que, atuando, como dissemos, de maneira acentuada no clima, e, consequentemente, na flora e na fauna, elas modelaram, dentro de certos limites, o próprio ambiente onde lhes decorreu a difícil e obscura existência.

Influindo nas vias de acesso às diferentes regiões naturais do Continente Eurasiano que abriam ou cerravam às migrações de homens e animais, as glaciações exerceram, outrossim, poderoso predomínio na Antropogeografia dessas eras distantes.

(3) J. C. Branner "Geologia Elementar". Rio, 1915.

(4) Vestígios tangíveis de geleiras em períodos anteriores ao plistocênio são, aliás, numerosíssimos. Gekie que estudou detidamente o assunto, dedica um longo apêndice de seu livro "Great Ice Age", à especificação de tais vestígios. Gasta, diz-nos Lapouge, nada menos de seis páginas dêsse apêndice em relacionar os depósitos glaciários existentes só do Permiano sem lograr fazer dêles uma enumeração completa.

As fases glaciares, sobrevindas no Plistocênio do Velho Mundo ou sejam os períodos durante os quais ocorreram os paroxismos das geleiras alpinas e escandinavas, foram em número de quatro, separadas pelas chamadas fases de interglaciação.

Coincidindo, de certo modo, com os cataclismos que modelaram os contornos atuais do Mediterrâneo, e com vários outros movimentos tectônicos de igual importância na paleogeografia do Continente Eurasiano, denominam-se, em ordem de antiguidade decrescente, glaciação de Gunz, de Mindel, de Riss e de Wurm.

Alguns geólogos suprimem a glaciação de Gunz ou a relegam ao Pliocênio. Outros, admitem, no Plistocênio, apenas as duas últimas glaciações, considerando as primeiras (Gunziana e Mindeliana) anteriores ao sub-período Siciliano, e, assim, pertencentes ao terciário (5). Haug, que coloca tôda glaciação no Quaternário, faz, segundo Betim, corresponder a de Mindel com o nível marinho Siciliano que, por êle, tornar-se-ia, assim, sensìvelmente rejuvenescido.

As divisões apontadas valem simplesmente para a Europa Ocidental, ou melhor, para as áreas alpinas, pois não ficou ainda demonstrada a existência de um sincronismo, ou simultaneidade, nas pulsações glaciais de que, então, foram teatro vários pontos do globo. (6)

A glaciação de Wurm, informa-nos por sua vez René Nougier, desempenha um papel de tal monta no evolver da humanidade que ela cinde, de algum modo, esta evolução. Antes da glaciação de Wurm, a vida "se concentra" e as atividades se diversificam; depois dela, com a retração das geleiras, vemos o apogeu de uma sociedade de grandes caçadores, criaturas dotadas de alta civilização, pensadores profundos e artistas consumados; mais tarde, fundidos os últimos gelos, a grande geleira escandinava cortada em dois lobos residuais, (bipartição glacial), surgirá um mundo novo: o mundo dos povos neolíticos.

O grupo dos homens fósseis *(Homo Sapiens fossiles)* era constituido, aliás, por indivíduos em tudo semelhantes aos europeus dos nossos dias e formavam a "sociedade de grandes caçadores" a que alude Nougier, — grupo cujos representantes surgiram, como êle próprio sustenta, no Ocidente da Velha Europa depois da glaciação de Wurm, ou seja ao tempo do último recuo das geleiras. Todos os outros homens do paleolítico tiveram o ciclo de sua existência encerrada dentro da fase evolutiva da terra, que vai da glaciação de Mindel, limite inferior, à glaciação de Wurm, que é o marco mais próximo de nós.

(5) Alberto Betim Paes Leme — História Física da Terra — 1949.

(6) Lapouge tentando, em seu curso livre de ciência política, professado com tanto brilho na Universidade de Montpellier, estabelecer uma carta correlação entre os fenômenos glaciais, havidos nas várias regiões da Europa, foi conduzido a seguir Gekie e a aumentar para seis o número das glaciações. Situou a sexta e última das grandes expansões glaciais, ou seja a **Upper Turbanian**, de Gekie, no nível superior das turfeiras da Inglaterra, fazendo coincidir a primeira também com Siciliano inferior que arqueológicamente, corresponderia, para êle, ao eneolítico européu. Vêr: G. Vacher de Lapouge "Laryen, Son role Social", Paris, 1899.

Os pré-homínios, ou antropianos, o *Homo-Dawsoni* e o *Homo Hidelbergensis,* alcançaram seu apogeu numérico no período Mindel-Riss (45 a 80.000 A. C.), enquanto os pre-humanos, ou homínios, *(Homo Neanderthalensis,* de Dusseldorf, Chapelle-aux-Saints, La Quina, Le Moustier, Krapina, etc.), viveram no período do interglacial de Riss-Wurm.

Os restos da chamada indústria prechelense, negada por uns e aceita por outros, embora localizadas na fase Mindel-Gunz, estariam ainda situados nos níveis inferiores do Plistocênio.

Na base dessa mesma época, encontrar-se-iam provàvelmente também o *Pithecanthropus,* de Trinil, em Java, e o *Sinanthropus,* de Chou-Koú-tien, na China, e outros primatas evoluidos que não nos interessam aqui mencionar. (7)

Dizer os tipos de climas, reinantes na Europa no decorrer das diferentes fases do Plistocênio, é tarefa sobremaneira árdua.

Não só os elementos colhidos na páleo-botânica como os que resultam do estudo dos fósseis animais, são contraditórios e, não raro, destoam entre sí, tanto quanto destoam em relação aos dados que nos podem fornecer a estratigrafia. Ora, isso leva, por vêzes, os especialistas a desentendimentos e controvérsias que, nem sempre, nos aproximam de uma solução aceitável.

Houve, também, no decorrer do tempo, muitas vêzes extremamente longo, que vai de uma a outra glaciação, recrescimentos esporádicos do frio, fato que vem aumentar as dúvidas e confusões reinantes em tôrno do assunto.

Podemos, mesmo assim, conjecturar, de acôrdo com os melhores dados, que a fase interglacial Riss-Mindel, coincidindo com o aparecimento, na Europa, da fauna caracterizada pelo *Elephas antiquus, Rhinocero Mercki* e hipopótamos *(Hippopotamus major),* deve ter tido um clima assás quente, embora as plantas, achadas no *Forest-bed,* de Cromer, denunciem antes a existência de um clima temperado, na opinião de Lapouge. Os invernos seriam, então, em França e na Inglaterra, muito menos rigorosos do que hoje e os verões apresentariam, nesses países, máximas bem inferiores às atuais.

A invasão glacial, denominada glaciação de Riss, marca como vimos o limite inferior do paleolítico médio, período que vai até a grande glaciação de Wurm. Surgiram então na Europa Ocidental o mamute *(Elephas primigenius),* o rinoceronte lanzudo *(Rhinocero*

---

agresso internacional, reunido em Paris em abril de 1947, sob os auspícios da fundação Rockfeller e do Centro Nacional de Pesquisas Científicas de França, o Prof. Vallois ("Paleontologie et Transformisme", Paris 1950) uma das grandes autoridades no assunto, sustentou que o Plistocênio superior compreende a glaciação de Wurm e a fase interglacial de Riss-Wurm; O Plistocênio médio, a glaciação de Riss e a fase interglacial de Mindel-Riss; o Plistocênio inferior, a glaciação de Mindel e os períodos precedentes do quaternário o que não coincide precisamente com o que expusemos acima, baseados, em parte, no trabalho de G. Poisson ("Le peuplement de L'Europe" Paris 1939). Apesar disso julgamo-nos autorizados a conservar aqui aquela distribuição.

tichorhinus), os ursos *(Ursus spelaeus)*, e os leões (*Leo spelaeus*), espécies evidentemente afeitas às baixas temperaturas.

Essa fauna de "dominante fria" faz pressupor fôsse sobremaneira rude, o clima que ali reinou durante a interglaciação de Riss-Wurm, particularmente no período Mousteriano que admitimos como devendo corresponder à fase de pleno avanço das grandes geleiras plistocênicas.

Os geólogos falam, assevera-nos Nougier, de temperaturas que desciam no inverno a menos de 30°, de gelos que duravam sete a oito meses e de solos permanentemente gelados, enquanto os paleobotânicos, pretendem que as mínimas térmicas fôssem, então, pouco inferiores às mínimas que ali se registam atualmente.

Tudo isso tem, todavia, um valor muito limitado pois, bem mais do que pelo frio, é a época, em aprêço, caracterizada pela extrema frequência dos meteoros aquosos, e pela extraordinária intensidade da circulação marítima e atmosférica.

Veremos em breve tôda a influência que tais fenômenos exerceram sôbre o homem primitivo.

O período seguinte, ou seja o Paleolítico superior ou leptolítico dos arqueólogos, Plistocênio superior ou retrowurniano dos geólogos, embora de duração bem menor que os antecedentes, é considerado de extrema importância em paleoetnologia. (8)

Começa, como vimos, depois da máxima Glaciação Wurniana, com um abrandamento de temperatura que termina nas denominadas *oscilações* de Archen. Esta remissão do frio não foi senão temporária, pois, sabemos que o fim do período Glacial é assinalado por várias recrudescências do frio. Assim, depois da fase de Archen, relativamente quente, temos uma segunda máxima de gelos, Wurm II, seguida de algumas mudanças de temperatura que acabam em nova descenção térmica, chamada estádio de Buhl. Éste marca o fim do Plistocênio e do Paleolítico (Poisson).

Excetuando-se, pois, a vaga de calor que sobreveio durante a fase de Archen, o clima conservou, de um modo geral, a sua característica fria para o cenário europeu que estamos focalizando.

A abundância de renas e a presença de espécies zoológicas tais como o antílope, a saiga, o espermófilo, etc., sugerem ainda fôsse o ambiente muito parecido com o das tundras atuais, embora viesse a se tornar mais sêco, mais "estépico", no decorrer do leptolítico.

Fechado definitivamente o ciclo glacial cuja última manifestação importante é a recorrência de Buhl, inicia-se o Mesolítico, que se estende até a ocorrência de Geschintz, e está situado 10.000 anos antes da era cristã. Seu clima, através das mais diversas variações térmicas

(8) O nome Paleo-etnologia (paletnologia dos autores italianos), ou seja a etonologia dos tempos antigos, foi proposto na reunião de Spezzia em 1865, para substituir ao mesmo tempo os de arqueologia e antropologia pré-histórica julgado demasiado longo. G. de Mortillet in **"Le Pré-historique"** Paris 1885 define paleoetnologia como sendo a história do homem anterior aos documentos escritos, monumentos figurados e até mesmo as lendas e tradições.

e higroscópicas, representa uma verdadeira transição para o clima vigente na Europa desde o neolítico. Ainda que nitidamente boreal, foi êle assás brando para permitir o desenvolvimento de florestas de bétulas, pinheiros e mesmo de carvalhos (Poisson).

O conhecimento do estado da atmosfera que vigorava na Europa, constitui, como dissemos, um fator auxiliar de considerável importância para ajuizarmos das verdadeiras causas de certas doenças que acometeram o esqueleto de alguns dos seus primitivos habitantes, mas as condições de vida e as atividades cotidianas dêsses homens devem ser também consideradas como possível fonte de esclarecimentos.

CONDIÇÕES DE VIDA

Embora o ser humano haja feito seu primeiro aparecimento incontestável no decorrer da segunda fase interglaciária, semeando, pràticamente, todo o Velho Continente de pesados instrumentos de silex de forma amigdalóide (tipo chelense e acheulense), os restos de esqueletos que possuimos do homem primevo são em pequeno número e, assim, sem interêsse imediato para o estudo que aqui realizamos. Demais, pouco ou quase nada se sabe com segurança a respeito da existência que curtiam.

A larga área de disseminação dos seus utensílios de pedra e o fato de se acharem tais instrumentos dispersos na maioria das camadas que se constituiram no decorrer de tão dilatado período geológico, sugere, conforme observa Nougier, que o gênero de vida do pré-homínio não fôsse uniforme através de tão vasta extensão cronológica e espacial.

Acredita-se, todavia, de acôrdo com os melhores dados, que, de um modo geral, levassem uma existência nômade e que se dedicassem inicialmente à simples colheita de mantimentos vegetais: procura acurada de frutos e brotos, antes da descoberta do fogo; e, mais tarde, a cata de todos os produtos comestíveis procedentes do domínio fitológico. "A planta, manufatura viva de alimentos", conforme já o disse Vidal de La Blache, teria, pois, garantido os lentos e obscuros inícios da humanidade. (9)

Mas a vida de apanhador é aleatoria; as plantas alimentícias se esgotam e determinados períodos do ano lhes são particularmente desfavoráveis. Assim, sob o império das circunstâncias de momento, essa

(9) O Prof. A. Chevalier endossa, em grande parte, esta opinião. Os pré-hominios, diz êle, como fazem ainda hoje os macacos, deviam alimentar-se quase exclusivamente de frutos silvestres e de brotos ou rebentos vegetais. Nutriam-se, assim, em grande parte, dos viveres tirados à flora inculta das terras onde viviam. (Auguste Chevalier — "La dispersion de certains arbres fruitiers sauvages par l'homme avant l'invention de l'agriculture". Revue de Geographie et d'ethnologie — Ano I, Paris, 1948).

economia de saque, sobremodo restrita, teve de prosseguir pela colheita generalizada. (10)

Espécies animais fracas, indivíduos enfermos ou feridos eram, portanto, igualmente recolhidos e devorados. E o homem das primeiras idades passa de maneira quase insensível da "caça passiva" à "caça ativa" que lhe assegurará meios de subsistencia muito mais fartos.

Os gêneros de vida, nessa fase da pré-história, seriam, portanto, assás variados e evocam a imagem de uma pré-humanidade atarefada e singularmente complexa desde a sua origem (Nougier).

No decorrer do *Paleolítico Médio* os pré-homínios cedem lugar ao homem de Neánderthal que Boule descreve como possuindo um "corpo vigoroso e pesado, cabeça ossuda, maxilares robustos onde se afirma a predominância das funções puramente vegetativas ou bestiais sôbre as funções do cérebro, mas já se prenuncia também o *Homo Sapiens*, com a existência do crânio de Fontechevade e do crânio de Telloux (Nougier).

Um clima, muito mais rigoroso do que anteriormente, determina uma transformação sensível no *habitat* humano. A busca de um refúgio contra as intempéries torna-se, no momento, para a criatura, a preocupação máxima, quer se trate de descobrir grutas mais ou menos profundas (Le Moustier, Spy), quer pequenas lapas, quer simples abrigos sob-rochas (La Quina, abrigo de Bouillard, etc.) O resfriamento do ar, o aumento das precipitações pluviométricas e as repetidas inundações que restringem consideràvelmente as superfícies habitáveis, dão lugar a maiores concentrações demográficas em certas regiões altas e ricas em abrigos naturais.

Utensílios e armas espalhados em profusão por todos os quadrantes da terra denunciam, porém, que é ainda enorme a área da ecúmena. A existência é dura e difícil por isso que os rigores do clima tornavam as colheitas pouco abundantes e a caça incerta. A insuficiência de meios materiais não permite ainda atingir os animais de pena nem realizar pescas produtivas. As inumações voluntárias dos mortos denunciam, porém, nesses homens primitivos um psiquismo já bastante evolucionado.

Para sobreviver, viam-se êles obrigados a ficar longo tempo ao relento, expostos aos agravos de um clima frio e úmido quando se entregavam à apanha de frutos, bulbos e raizes, quando iam ao encalço da caça arisca ou ainda quando se mantinham emboscados à espera de que a prêsa desprevenida lhe chegasse ao alcance das armas grosseiras e pouco eficientes.

(10) Flourens, Milne Edwards, Joly, e outros acreditavam fôssem os homens, em seus primeiros tempos, ùnicamente frugivoros. O último dos autores apontados diz mesmo: FRUGIVORO por instinto, isso é, em virtude da conformação de seu canal digestivo e de seu sistema dentário, que muito o aproxima dos macacos — quase todos exclusivamente frugivoros quando em estado selvagem, — o homem tornou-se cedo onívoro por necessidade, e seu estomago indulgente acomodou-se a todos os regimes dietéticos e a todos os alimentos.

As moradas eram, como dissemos, cavernas profundas e obscuras, de teto e paredes ressumbrantes e de piso de certo também molhado e pegadiço porque juncado de detritos e dejetos de tôda espécie. (10a)

Os que viviam em lapas rasas gozavam de pouca ou nenhuma proteção contra o frio e contra os ataques das feras.

No *Paleolítico Superior* é ainda o fator "refúgio" a grande lei que rege o *habitat* humano. De mais em mais numerosos, tornam-se pois as grutas e cavernas habitadas, algumas das quais haviam servido ao homem desde o "Mousteriano frio".

Nessa época, a distribuição dos *habitats* coincide, de ordinário, com a distribuição geográfica das regiões cavernícolas. Prossegue a concentração demográfica e o eixo diretor das atividades do homem continua sendo a caça e a pesca. Os grandes mamíferos de que agora fazem as suas prêsas habituais, são numerosíssimos, embora as espécies variem segundo as fases climáticas intercorrentes. A rena, o cavalo e o bisonte constituem, porém, a trindade indefectível.

A caça é levada a efeito de maneira direta com armas de guarnição de silex, flexas de osso e grandes arpões providos de farpas ou entalhes profundos e agudos e, também, com a ajuda de armadilhas e fojos de cujos tipos nos ficaram memória através de vários desenhos rupestres.

As caças coletivas, ou sejam as perseguições organizadas e metódicas aos animais de porte avantajado, datam, sem nenhuma dúvida, dêsse período da história do homem.

A coexistência humana sempre foi, como é sabido, um imperativo bio-social. Só no paleolítico superior parece terem ocorrido, porém, as primeiras associações do homem com o homem para um trabalho de conjunto visando à execução de tarefas de amplitude maior das que, isoladamente, costumavam até então realizar todos os dias.

A pesca, largamente exercitada também por grupos de indivíduos, constitui um adjutório importante à alimentação comum. A truta e o lúcio são bem conhecidos e os salmões particularmente estimados porque suas vértebras se prestam melhor do que quaisquer outras à fabricação de colares, originais e práticos. (11)

Caçadores e pescadores experimentados que faziam da caça e da pesca não apenas o indispensável meio de subsistência mas ainda uma fonte de inspiração artística, criadora dos motivos estéticos com que decoravam as paredes de muitas de suas moradas, os homens do leptolítico levavam, como é natural, a existência em plena natureza. Perseguindo animais de que deviam alimentar-se ou sendo por êles perseguidos, a vida era-lhes uma eterna e permanente aventura, entremeada, porém, não raro, de dramas irreparáveis.

10a) J. A. Mauduit. Les grottes pré-historiques révèlent un art remarquable d'essence magique". Science et Vie n. 420, Set. 1952.

(11) **Luois — René Nougier** — "Les genres de Vie de l'homme pré-historique" La Nature n. 3212 e seguintes. Paris, 1953.

Mesmo durante as suas estadas nas cavernas e grutas, não se lhes amoleciam de todo as asperezas da existência, porque, nem mesmo ali, encontravam a desejada proteção contra as investidas de homens e de feras. (12)

Ao escoar-se o *mesolítico* as condições de vida modificam-se de maneira apreciável em todo o Ocidente Europeu. Abrandam-se os frios dos tempos madalenianos, tornando-se o clima temperado-úmido, característica esta que mais se acentua ao longo de tôda a costa leste do Velho Continente.

Desaparecem de vez os volumosos paquidermes e os grandes carniceiros; o bisonte, o alce e o uro emigram para as regiões boreais e se vão refugiar nas frias florestas que circundam o Báltico. Para o Norte, a caminho das terras árticas, deslocam-se também as renas seguidas de perto por seus predadores humanos. (13) Os animais do paleolítico cedem, assim, lugar à fauna selvagem da Europa dos nossos dias.

Para repovoar os espaços vazios, deixados pelos caçadores de rena que partiram definitivamente rumo ao setentrião, surgem, de repente, em todo o sudeste, sul e leste da Europa, raças novas cujas características antropológicas foram estudadas por Lapouge e que viriam a constituir o substrato étnico das populações brancas que ali habitam atualmente.

Procedendo, ao que parece, em sua maioria, do Saara distante que se tornava então cada vez mais árido, e, por isso mesmo, menos habitável, elas transpuseram a Ibéria, estabelecendo no Ocidente as indústrias arziliana e tardenoisiana, ambas tão curiosas e cheias de complexidades.

Como quer que seja, os restos dessas indústrias, aparecidas depois de horizontes estratigráficos aparentemente estéreis, sugeriram durante muito tempo a idéia de uma descontinuidade na evolução dos povos europeus. Morgan, De Mortillet e outros chegam a falar num hiato, que, motivado por causas naturais, ainda não perfeitamente determinadas (14), teria violentamente cortado em dois essa evolução.

A verdade é que, em algumas estações mesolíticas mais antigas, têm sido encontradas armas e utensílios de "fácies leptolítico" perfeitamente definido o que, em parte, desautoriza semelhantes conceitos, embora partam êles de mestres de tanto renome. Aliás, a área de distribuição das jazidas pré-históricas dos primeiros dias da época em aprêço, a qualidade do material arqueológico e a composição dos restos de cozinha que delas provêm, tudo parece indicar que ocorreu, então,

(12) "A maneira dos povos selvagens atuais (Shilluks, Denkas, Peles Vermelhas, etc.) e como indicam os desenhos pré-históricos denominados a "caça ao touro selvagem" e o "homem da baleia", o homem paloelítico caçava inteiramente nu" (Debierre p. 125).

(13) Durante sua lenta migração para o Norte teriam êles criado a indústria de Norre Lyngby e deixado vestígios de sua passagem nas turfeiras de Maglenose.

(14) Jacques de Morgan "L'humanité pré-historique", Paris, 1924. Ver também do mesmo autor "Etude sur les premiers temps de l'humanité", "La geographie", Tome XXXIX — Paris, 1923.

em solo do Ocidente da Europa, apenas uma retrogradação cultural e nunca um verdadeiro colapso, fato ainda assim bastante curioso se levarmos em conta que as condições do meio físico haviam melhorado de maneira sensível.

A temperatura no Mesolítico é suave, o ambiente aprazível e a vitualha farta. Se a rena desapareceu, em compensação o cervo, o javardo, o boi, o cavalo, e vários outros animais de porte tornaram-se numerosos.

Deve ser igualmente referido que desde o início dêsse interessante período de história evolutiva da nossa humanidade ocidental, existe uma variedade de tipos culturais bem maior que nos tempos anteriores. O homem assume, diz-nos ainda Nougier, uma atitude nova em face do mundo. Torna-se ativo e multifário. É capaz de perceber e tirar partido de numerosas possibilidades que a natureza lhe oferece em profusão e às quais não dera nenhuma atenção até aquêle momento.

É, outrossim, eminentemente receptivo às influências civilizadoras que lhe advirão de todos os lados, trazidas pelas populações neolíticas.

Durante o Mesolítico as cavernas estão, na sua maioria, abandonadas e desertas, se bem que continuem oferecendo excelente abrigo. Iriam cedo transformar-se em sepulcros, muitos dos quais guardam ainda restos de uma civilização tão pouco conhecida.

Os madalenianos degenerados que se conservaram no seu antigo *habitat* mesclando-se com os invasores recém-vindos, tiveram que modificar o modo de vida e também suas indústrias. A abundância de florestas tornara inexequível o exercício da caça, nos moldes do passado.

Os homens da Europa vivem agora em grande número junto às praias do mar e nutrem-se preferentemente de mariscos. Os que se localizam em elevações arenosas de solo frouxo e de drenagem fácil das terras interiores, têm ainda, por base de alimentação, crustáceos e moluscos terrestres ou de águas paludosas.

No neolítico, prossegue a invasão do Mundo Ocidental por grupos humanos cada vez mais numerosos que trazem ao patrimônio comum, o acêrvo de conhecimentos e experiências hauridas no berço de origem ou no decorrer de suas longas e demoradas migrações. Novas raças se misturam às precedentes por infitração ou por conquista; os recém-vindos espalham-se até as extremidades ocidentais do continente.

A necessidade de defesa força alguns dêsses alienígenas a se identificarem mais ainda com o meio líquido, em particular os imigrantes braquicéfalos que, segundo De Mortillet, aí teriam introduzido a civilização hobenhausiana. Edificam, assim, as moradas sôbre estacas que fincam na lama dos lagos e dos alagadiços ou irão habitar jangadas que flutuam nos rios e nos pantanos.

Quer num, quer noutro caso, a ambiência, saturada de umidade e de emanações vasosas, ser-lhe-ia pouco propícia à saúde embora ali estivessem bem protegidos contra as intempéries e não sofressem da carência alimentar que tanto havia atormentado os seus predecessores mesolíticos.

Imensas florestas, refertas já das essências atuais, cobriam as terras que emolduravam as atividades dos construtores das palafitas, descendo até as proximidades de suas aldeias. Entre árvores vetustas erram então em liberdade o uro, o touro selvagem e o cervo ao lado dos cabritos montêses, dos gamos, dos javalis e de muitas outras alimárias de porte. Nêsse cenário de aparência edênica, lontras brincam nas águas transparentes dos ribeiros e os castores nelas constroem as suas habitações, enquanto os ursos pardos alapardam-se no fundo das cavernas e os abutres pairam no alto dos céus.

O cão que se tornara o companheiro e auxiliar do homem, persegue com êle os hóspedes da floresta cuja carne deverá nutrir a ambos. Além do cão, os habitantes dos lagos já se haviam assenhoreado da quase totalidade das espécies domésticas: boi, carneiro, porco, e talvez o cavalo, progresso notável que lhes tornaria possível, diz-nos Joly, os trabalhos do campo e, dêsse modo, a cultura dos cereais hoje conhecidos na Europa. Caçavam e pescavam com rêdes e nassas e a carne e animais terrestre e produtos aquáticos vinham juntar-se aos lacticínios e aos frutos, silvestres ou não (maçãs, peras, nozes, etc.), para completar uma dieta que a agricultura tornava abundante e variada.

D O E N Ç A S

Os fatos que, de maneira sumàrissima, acabamos de trazer de novo à memória de todos, servem, como ficou dito, para aclarar algumas das numerosas dúvidas que ainda perduram a respeito da higidez física e, portanto, também da duração da vida dos nossos ancestrais. Assim, o conhecimento do clima e da rude existência que suportava a humanidade primitiva, ajuda-nos a compreender o motivo porque certas lesões traumáticas e doenças, tais como o reumatismo, (artroses, afecções vertebrais, etc.), eram, outrora, tão difundidos e frequentes.

Aliás o reumatismo, sem contradita o mais encontradiço dos males que vitimaram as antigas populações européias, parece ter sido o companheiro inseparável do homem desde a aurora dos tempos quaternários.

Ives Arzal apurou, com efeito, que o homem do paleolítico médio que viveu na terra há uns 40.000 anos antes da nossa era, já sofria dessa enfermidade, o que se pode fàcilmente verificar pelo exame do

fóssil de Chapelle-Aux-Saints, tocado nos ossos do quadril, e pelo de Kaprine cujo maxilar apresenta-se, por sua vez, sèriamente comprometido.

Também no paleolítico superior, período da pré-história que transcorreu há cêrca de 15.000 anos, (15) os restos de Solustré, de Cro-Magnon (Aurináceo), e de Chancelade (Madaleniano), oferecem exemplos flagrantes de osteoartrite crônica e de anquilose de caráter específico.

Mais perto de nós, no Mesolítico, há alguns 8.000 anos passados, a doença parece ter continuado em progressão crescente, o que só é explicável pela úmidade do clima então dominante em todo o Velho Mundo Europeu.

No conjunto de 23 esqueletos descobertos em Téviec (Morbihan), três dêles mostravam nas omoplatas, nas falanges dos pés e nas vértebras dorsais e lombares, sinais evidentes de lesões reumáticas. Dois dêsses indivíduos tinham mesmo a quinta lombar soldada ao sacro o que muito prejudicaria, sem dúvida, à sua estática vertebral.

Casos de gengivite expulsiva, afecção de natureza caracteristicamente artrítica, foram, outrossim, identificados em muitos componentes do citado grupo.

No neolítico (5.000 A. C.), enfim, a incidência do reumatismo aumentou ainda "sem que se possa perceber claramente o motivo", comenta Arzel, a menos, dizemos nós, que isso decorresse da própria maneira de viver de alguns dêsses homens, habitando cidades lacustres cuja atmosfera estava sempre sobrecarregada de umidade.

Depois do reumatismo que, então como hoje, devia constituir pela sua morbilidade um verdadeiro flagelo social, são indubitàvelmente as afecções ligadas ao aparelho mastigador que aparecem com maior freqüência nas idades pré-históricas. Ao que tudo indica, nossos ancestrais deviam submeter os dentes aos mais rudes embates, pois a maioria dos exemplares que dêles possuimos, estão quase inteiramente consumidos pelo uso. Em alguns, o desgaste atinge o próprio colo o que resultou, talvez, do consumo que faziam os seus donos, de uma alimentação pouco requintada. Nesta figurariam mesmo, acidentalmente, ervas e raizes silicosas, lascas de conchas de moluscos, areia, etc., tôdas substâncias de alto poder abrasivo que, triturados no momento da formação do bolo alimentar, agiam de certo como verdadeiros pedaços de esmeril. (16)

Uma alimentação inadequada causaria também, por irritação, os casos de gengivite expulsiva ou piorréia alveolar que tantos malefícios deveriam trazer aos nossos ancestrais. A osteoperiostite alvéolo-den-

(15) W. von Soergel, citado por Boule, dá a divisão e a cronologia absoluta seguintes da época glacial.
Segundo êle, o madaleniano teria começado há 67.000 anos terminado há 21.000 anos. O solutreano estaria compreendido entre 72.000 e 67.000 anos; o aurinâceo entre 110.000 e 72.000 anos; o musteriano entre 183.000 e 110.000 anos; o aquelense entre 236.000 e 183.00; o chelense entre 429.000 e 236.000 anos.
(16) V. Joly, "L'homme avant les métaux", Paris, 1881.

tária parece até muitíssimo vulgar no Mesolítico. Dos 15 indivíduos, retirados da jazida de Téviec, nove mostravam sinais positivos do ataque dessa afecção.

O homem Musteriano, de Weimar e o de La Chapelle-aux Saints (paleolítico médio), sofreram também de inflamação crônica dos alvéolos dentários.

A cárie, por sua vez, inquina os dentes humanos a partir do paleolítico superior, pois nos dentes dos dois crânios, descobertos pelo Dr. Henri Martin na jazida Solustreo-Madaleniana do Roc (Charente), aparecem sinais desta doença.

Em Téviec (mesolítico), a osteite crônica se manifesta de novo em 16 dos 152 dentes que aí foram encontrados.

Em fósseis, que datam do neolítico, a cárie dentária é mais rara. Localiza-se no colo dos premolares e molares e afeta de preferência indivíduos que ultrapassaram quarenta anos. (17)

Na idade do bronze, a percentagem de dentes cariados, em relação ao total de dentes que possuimos dêsse período, eleva-se a 22%, enquanto que atualmente esta percentagem parece ser d 20%, aproximadamente.

Complicações da cárie, tais como a sinusite maxilar, foram observados doze vezes no neolítico, ao passo que as malformações dentárias, fusão das raizes, pregueamento do esmalte, etc., são pouco frequentes. Quanto aos abcessos de origem focal, encontram-se vestígios de sua existência em crânios humanos a partir do paleolítico médio.

Vítimas de afecções dentárias, frequentavam os homens pré-históricos algum especialista ou, pelo menos, dispensavam êles cuidados particulares aos dentes? Pergunta interessante a que podemos desde logo responder de maneira afirmativa. Assim o fazemos mesmo deixando de lado as lesões traumáticas do colo pròpriamente dito, — lesões de que o Dr. Siffre nos aponta tantos casos ocorridos no neolítico, indicadores de possíveis tentativas de extração dentária, mas que também poderiam ter sido produzidas pelo uso de palitos de madeira ou de osso manejados com brutalidade. Encontraremos, nas próprias cicatrizes dos alvéolos de certos maxilares mais ou menos edentados daquela época, a prova decisiva de que os nossos ancestrais tinham, em todo caso, o gesto instintivo de arrancar, êles próprios, os dentes molestos ou de mandá-los arrancar por alguém com habilidade para tanto. (18)

(17) O dr. Siffre, que diligentemente estudou o assunto, atribui os casos de erosão dentária tão amiúde encontrados entre populações neolíticas, antes às profundas perturbações patológicas que deveriam minar o organismo daquelas gentes. (Arzal).

(18) Tôda a parte dêste nosso trabalho que se refere às doenças do aparelho mastigador foi transcrita do artigo de Ives Arzal, já tão freqüentemente citado e a que tanto recorremos.

O RAQUITISMO

A carência alimentar revelada em parte pelas afecções dentárias a que aludimos anteriormente, devia a miúdo afligir os remotos antepassados da nossa humanidade ocidental minando-lhes a energia e a vitalidade. A existência do homem pré-histórico foi, conforme sabemos, quase sempre incerta e difícil, especialmente no que se refere à obtenção do sustento cotidiano, o que teve, decerto, repercussões profundas na saúde e bem estar dos grupos étnicos que então povoavam a Eurásia. Podemos conjeturar com alguma segurança que nas épocas mais recuadas, ou seja durante o paleolítico médio, quando o clima era rigoroso e a subsistência, por isso mesmo, duvidosa, a nutrição global do europeu deve-se ter tornado, muitas vêzes, francamente deficitária, acarretando-lhe todos os males que ainda hoje decorrem da sub-nutrição crônica.

No paleolítico superior, pelas razões de ordem mesológica já apontadas no início dêste trabalho e graças ao adestramento do homem na arte da caça e da pesca, a situação alimentar dos povos europeus melhorou sensìvelmente, pelo menos em relação ao número de proteínas animais da ração diária de cada indivíduo e, assim, é provável que gozassem todos de relativa robustez.

No mesolítico, porém, ao que tudo indica, as avitaminoses e a desnutrição geral voltaram a constituir o grave problema social que já houvera sido nos primeiros tempos.

É certo que no mundo de então, a vida animal exubera, mas naquele cenário agreste e ríspido os sêres humanos não passam de intrusos ainda inadaptados. Recém-vindos ali, dispondo apenas de armas de eficiência problemática contra animais de porte considerável, alguns ferozes e outros tímidos mas extremamente rápidos na fuga, nem sempre logravam satisfazer tôdas as prementes necessidades alimentares. Para sobreviver tinham de apelar para o consumo de mantimentos pouco nutritivos e de ínfima qualidade que deviam causar profundos distúrbios orgânicos.

A comprovação de tais afirmativas está no perônio de uma criança de dois meses de idade contemporâneo do mesolítico que, estudado por Arzel, revelou, na contextura e na morfologia, evidentes sinais de raquitismo. A vítima dessa afecção de fundo eminentemente carencial foi, pois, um lactente, e, dêsse modo, é de supôr que sofresse do mesmo mal tanto a nutriz como todo ou quase todo o clan de que fazia parte o pequeno grupo familiar. (19)

(19) Dados bastante seguros a respeito da alimentação dos povos mesolíticos que habitavam as praias oceânicas, descobrimos ainda nos Kjokhenmoddings, tão espalhados pelas costas da Europa. Pelo exame dêsses restos de cozinha chegamos com efeito, à evidencia de que êles se nutriam de moluscos e crustáceos, recolhidos durante a baixa-mar, e de peixes pescados a pé firme. A isso vinham juntar-se de longe em longe, a carne de um veado, algum fruto silvestre, bagos e raizes bravas, produtos todos conforme lembra Arzal, evidentemente muito pouco substanciosos.

FRATURAS, CONTUSÕES E PRÁTICAS ORTOPÉDICAS

Correndo o risco de redundância, devemos relembrar que perdido no seio de uma natureza hostil, carecia o homem primitivo, para conseguir o indispensável sustento, empreender longas caminhadas aos baldões da sorte em terrenos agrestes ou demorar emboscado em esperas ínvias e inseguras. Premido pela fome, tinha de enfrentar sòzinho animais ferozes, alguns de talhe avantajado.

Exposto, a tôda sorte de perigos, arriscava-se êle, não raro, a sofrer choques violentos causadores de feridas e contusões dos mais variados tipos e até de acidentes mortais. No caminho do lar ou dentro dêle, quando transpunham apressados os corredores estreitos e tortuosos das obscuras moradas ou quando se moviam por sôbre o sólo escorregadio das grutas, onde viviam, não estavam livres de despenhar-se- ao solo, em quedas de consequências fatais, ou de sôbre êles caírem contundentes calhaus desprendidos dos tetos.

Assim se explica fàcilmente porque tantas peças ósseas encontradas em jazigos pré-históricos, apresentam sinais de graves traumatismos e de fraturas de múltiplos aspectos.

São tão numerosos hoje nos museus e coleções privadas da Europa, os ossos humanos quebrados, fendidos ou fissurados, oriundos de todos os horizontes pre-históricos, e em particular do neolítico, que segundo Palas, já ninguém se entusiasma ao ouvir anunciar a descoberta de novas peças paleontológicas apresentando idênticas lesões. (20)

O exame mais demorado dêsse enorme acêrvo de documentos humanos, mostra-nos que, em sua maioria, as soluções de continuidade interessam mais frequentemente como é natural, os ossos longos: tíbias, perônios, fêmures, etc., embora afetem também crânios humanos com relativa incidência, desde o paleolítico médio.

Mostra, outrossim, que ossos cujas fraturas acabaram consolidando, apresentam, de ordinário, deformações mais ou menos acentuadas que decorreram, evidentemente, de uma cicatrização defeituosa, evolvendo aos caprichos da própria natureza, ou do emprêgo de métodos inadequados de tratamento.

Mas a cicatrização das fraturas nem sempre acarretava desvios, encurtamentos e calos viciosos, algumas vêzes a restauração anatômica do osso era integral, resultado em verdade feliz, se considerarmos que a fratura de um osso qualquer é sempre um acidente grave cujo tratamento impõe o emprêgo de manobras cuidadosas e complicadas.

Parece útil recordar que para ser alcançada a inteira recuperação de um membro cujo osso esteja partido, é imprescindível quase sempre restabelecer a continuidade normal dos fragmentos deslocados

(20) Ossos apresentando sinais de traumatismo e fraturas aparecem, aliás, com muito maior frequência no neolítico do que nos períodos anteriores o que decorre certamente apenas do fato de possuirmos uma quantidade bem maior de restos humanos daquela época do que destas.

pelo choque, e, a seguir, manter os tôpos no lugar próprio, por intermédio de contenção conveniente. É indispensável também que a imobilização se prolongue até que o calo se organize e adquira solidez e acentuada resistência mecânica.

Tôdas as considerações anteriores nos levam a pensar que os casos de consolidação perfeita de fraturas ósseas, ocorridos no passado pré-histórico, embora pudessem ter sido fruto de processos espontâneos de cura — tal como ainda hoje acontece de maneira esporádica — resultaram antes de uma oportuna intervenção exterior, ou seja, de um tratamento cirúrgico bem orientado.

A suposição é tanto mais aceitável quanto sabemos que em muitos depósitos neolíticos têm sido descobertos ossos partidos e ressoldados cujo aspecto indica, sem nenhuma possibilidade de dúvida, que foram voluntàriamente imobilizados durante a longa fase de cicatrização óssea.

De tôdas as peças paleontológicas aquela que melhor serve para demonstrar a realidade de uma intervenção exterior na consolidação de certas fraturas antigas é, porém, a mandíbula humana arrancada pelo casal Marthe e Saint-Just Péquart aos terrenos mesolíticos de França.

Tendo-se quebrado em dois na altura do mento, a peça unira-se de maneira adequada, embora com uma ligeira exostose.

Tratando-se de um tipo de fratura cujos fragmentos dificilmente se mantêm em posição correta, os bons resultados da cicatrização sugerem, conforme reconhece o próprio Arzal, que, na contenção do maxilar partido, foi empregado um aparelho protético especialmente construído para isso; sugere, igualmente, que o curandeiro pré-histórico encarregado de atender à vítima do acidente possuia um' regular domínio da arte de tratar fraturas. Outra interessante ilação de caráter etnológico, permitida pelo exame da peça, é que o doente usou, durante a convalescença, um regime alimentar especial, composto talvez de sopas de ervas, caldos de raizes ou constituido apenas de mariscos que pudessem ser ingeridos sem o prévio trabalho da mastigação.

DOENÇAS INFECCIOSAS

Mas a humanidade pré-histórica não era certamente vítima apenas das deficiências alimentares, dos ferimentos e das lesões traumáticas; outro perigo sempre iminente e, de certo, a mais forte causa de mortalidade seriam, então como hoje, as doenças microbianas.

Paroxismos epidêmicos, sobrevindos de imprevisto, deviam causar verdadeiras hecatombes entre homens pràticamente desprovidos de imunidade contra a maioria dos germes patógenos e sem meios terapêuticos capazes de combater os terríveis efeitos das infecções.

A inópia de dados não permite ir além dessas simples conjecturas, pois, ùnicamente em Téviec — sem dúvida o mais rico e variado depósito de peças patológicas de tôda a pré-história, — vamos descobrir alguns fracos indícios de que, no decorrer do mesolítico, um surto epidêmico de proporções inusitadas dizimou os membros de um grupo humano dos muitos que então povoariam o ocidente europeu. Num total de 23 indivíduos, inumados naquela necrópole, contam-se 8 crianças de idade inferior a cinco anos, algumas colocadas nos braços de homens ou de mulheres. Disposição semelhante ocorre, ainda, segundo Arzal, em Hoedic, jazida de Morbihan.

Tais fatos fazem supor que os infantes, cujos despojos ali se encontram sepultados, sucumbiram no espaço de alguns dias, vítimas da mesma enfermidade dos adultos e que, por esse motivo, foram colocados juntos.

TUBERCULOSE

A correlação incontestável que existe entre a sub-nutrição crônica e a tuberculose levou alguns paleopatologistas a acreditar que a peste branca bem poderia ter grassado entre as populações pré-históricas da Europa, especialmente entre aquelas que, à maneira dos mesolíticos, viveram sempre atormentadas pela fome.

Semelhante conjectura, ao contrário do que seria de esperar, não tem razão de ser, pelo menos em relação às formas que afetam o esqueleto. Entre os milhares de ossos doentes, hoje incorporados às coleções paleontológicas do Velho Mundo, apenas dois são portadores de típicas lesões tuberculosas. (21) Uma das aludidas peças data do neolítico, enquanto a outra é da época do bronze, o que parece demonstrar o aparecimento relativamente recente da doença de Koch na Europa.

SÍFILIS

São bastante vulgares em ossos pré-históricos do Velho Continente as osteites, as exostoses e as osteomielites, muitas das quais de diagnóstico etiológico difícil senão mesmo impossível de fazer-se. Êsses e outros casos de afecções ósseas, cuja razão determinante permanecia obscura ou dudidosa, levaram alguns estudiosos, ainda uma vez, a invadir o domínio das suposições inquerindo se não seriam antes de natureza sifilítica.

A questão, suscitada e respondida de modo afirmativo, quanto ao neolítico, primeiramente por Jules de Baron, em tése de doutorado vinda a lume em fins do último século, tornou-se, desde então, objeto de longos e eruditos debates em que se empenharam até patologistas

(21) As lesões exibidas por outras peças ósseas e dadas como de provável origem bacilar devem antes, diz-nos Arzal, ser atribuídas ao reumatismo crônico.

de renome. Houve certa exacerbação nas controvérsias quando o professor Monod revelou ter encontrado indicações comprobatórias da terrível doença em ossos oriundos não só da época da pedra polida mas, igualmente, das idades do Bronze e do Ferro. Êste fato é, aliás, perfeitamente verossímel se levarmos em conta que os citados períodos foram assinalados na Europa por grandes movimentos migratórios, confusão de povos e intensas mestiçagens, fatores por excelência propícios à disseminação de enfermidades do tipo da lúes venérea.

Os que aceitavam de maneira irrestrita as conclusões revolucionárias de Le Baron, chegaram, no calor dos debates, a sustentar que eram de natureza especificamente sifilítica a maioria, senão a totalidade, dos casos de osteite e de osteomielite encontrados nos restos de esqueletos provenientes da Europa Ocidental e cuja causa estava sujeita a controvérsias. (22) Contra tantos exageros clamaram, desde logo, os mais prudentes, objetando que nem sempre seria possível firmar diagnóstico baseado apenas no exame de alguns fragmentos ósseos alterados pelo tempo e por influência dos próprios componentes do terreno em que haviam sido sepultados.

Aquêles que rejeitavam a tése da alta ancianidade da sífilis no Velho Mundo, alegam, por sua vez, que os documentos aduzidos em favor do ponto de vista contrário não são autênticos nem convincentes. Os ossos descobertos no Marne, a calota craniana exumada na Côte d'Or e o próprio Crânio de Ladoga que, no dizer de alguns paleopatologistas, apresentariam lesões estruturais de origem provadamente sifilítica, seriam todos de idade e procedência duvidosas e portanto sem valor documental.

Estava a questão nesse pé, quando os trabalhos de Michaelis vieram, segundo nos parece, estabelecer definitivamente a antiguidade do terrível flagelo entre populações brancas.

Aplicando ao estudo anátomo-patológico das peças esqueléticas pré-históricas e fósseis, corrompidas por doenças, processos semelhantes aos usados em petrografia e que consistem em fazer nelas cortes histológicos tão delgados que permitam realizar o exame das preparações por transparência, logrou êle, com efeito, identificar em três ossos oriundos de sepulturas comprovadamente neolíticas, alterações orgânicas, iguais às determinadas hoje pelo treponema.

Fica assim estabelecido de maneira definitiva que a lues venérea é, no Antigo Continente, contemporânea dos homens da pedra polida e que, com ela, os europeus atravessam os séculos. (23)

(22) O prof. Verneau cita, como uma nota cômica em meio de tantas discussões sisudas mas apaixonadas, o caso de um cientista eminente, sem dúvida partidário de Le Baron, que, examinando a coleção de ôssos pré-históricos e fósseis do Museu do Homem de Paris, afirmou existirem sinais denunciadores do treponema pálido em cêrca de 80% dos crânios recolhidos àquele Instituto.

(23) Dr. F. "La syphilis aujourd'hui et chez les anciens", Paris, 1908.

DOENÇA DE PAGET

Entre as entidades mórbidas que, sem nenhuma dúvida, flagelavam os remotos habitantes do Mundo europeu, figura ainda a osteíte hipertrófica de Paget, também chamada "osteopatia deformante progressiva", estado patológico de evolução lenta mas pertinaz que passou, por muito tempo, como sendo uma variedade de sífilis óssea do adulto.

Um caso típico dessa enfermidade, caso, aliás, assinalado entre populações neolíticas de França, foi descrito por L. Pales que o tomou como tema da comunicação publicada sob o título de "Maladie de Paget pre-historique", na "Revista de Antropologia", de Paris, em 1929. (24)

A existência da doença de Paget, entre populações primitivas, é ainda comprovada pela descoberta do crânio de Pitdown que sir Auckland julgava simplesmente atacado de acromegalia. O professor Roy L. Moodie, um dos especialistas mais autorizados em paleopatologia, sustentou, com efeito, vantajosamente, que as deformações apresentadas pelo fóssil eram antes fruto dessa insidiosa moléstia dos velhos.

Em apoio de sua tese vitoriosa, aduziu o autor americano, ao que nos informa Pales, argumentos que consideramos seguros e convincentes. São êles resumidamente os seguintes: espessamento considerável do parietal e do frontal (10 a 12 mm), acentuado aumento do diâmetro transverso do parietal e do frontal, saliência exagerada das fossas parietais e, finalmente, a presença de mossas profundas deixadas pelos vasos sanguíneos meníngeos no endocrânio, tudo em contradição manifesta com a capacidade craniana que se mantém sensìvelmente vizinha da normal.

TREPANAÇÕES CRANIANAS

No capítulo das doenças devem ser incluidas também as trepanações cranianas, não obstante, à primeira vista, pareçam ao observador como simples conseqüência de um esfôrço manual, orientado no sentido de perfurar os ossos chatos da cabeça. É que sendo tais operações realizadas com intuitos terapêuticos, na acepção moderna do têrmo, indicam de maneira bastante clara a existência de distúrbios de fundo nervoso ou psíquico, entre os homens da idade da pedra.

É preciso, porém, acrescentar, desde logo, que semelhante interpretação, apesar de lógica, tem sido impugnada de modo categórico

(24) Em seu trabalho, descreve Pales o fêmur neolítico de Lozère, profundamente alterado pela doença de Paget, e inscrito sob o número 179, no catálogo da coleção Pruniéres, na ordem de sucessão das peças patológicas, provenientes da gruta do Homem Morto.

por muitos paleoetnologistas, particularmente pelos partidários da teoria segundo a qual a maior parte das obras e criações características da humanidade tiveram como ponto de partida um ato de essência cultual. (25) Para êstes, o uso das trepanações cranianas teria sido antes imposto por certas crenças religiosas ou resultou de ignotas práticas de magia; assim, recusam admitir que elas fôssem destinadas ao tratamento de qualquer doença física ou mental.

Há ainda, como Broca, quem, aceitando em princípio a função terapêutica das trepanações, sustente, por outro lado, que elas estavam igualmente ligadas a ritos de exorcismo. No conceito dos povos antigos, elas serviriam simplesmente para dar saída a um suposto gênio ou espírito que, aninhado no cérebro do enfêrmo, provocaria nele os movimentos convulsivos próprios a determinados tipos de enfermidade. (26)

A contrariar, porém, todos êsses pontos de vista, existe um fato de suma importância qual seja a instabilidade do campo em que se realizam as trepanações.

Ora, a prática de uma cerimônia religiosa qualquer pressupõe a exata observancia de regras e preceitos imutáveis, pelos quais é regulada, o que, evidentemente, não se observa aqui.

As trepanações interessam, na verdade, todos os ossos formadores da abóbada craniana e em particular o parietal esquerdo. Êsse fato, conforme já o observou Montandon, em nota ao trabalho de Matiegka (L'Anthropologie T. XXXVIII — 1928), bem melhor se coaduna com a hipótese segundo a qual elas se destinavam ao tratamento de enfermidades orgânicas que ainda não puderam ser determinadas com o necessário rigor.

Operações do tipo apontado foram realizadas com bastante frequência durante todo o neolítico europeu, notadamente em França e na Tchecoslováquia (27), países cujas estações pré-históricas se tem mostrado muito ricas em crânios perfurados.

A assídua utilização de tais processos de cura indicam, por sua vez, que, durante a época apontada, ocorreu naqueles países uma verdadeira exacerbação das enfermidades nervosas ou mentais do tipo das que requeriam o emprêgo de semelhante processo terapêutico.

Individuos houve, então, que chegaram a sofrer várias dessas intervenções operatórias suportando-as, quase sempre, com galhardia.

(25) Marcel Baudouin. "La Pré-histoire par les Etoiles". Paris, 1926.

(26) Broca. De la trépanatiou pré-historique, etc. Congrés d'Anthropologie de Pest, 1876 e Rev. d'Anthrop. t. IV, 1877 (Apud Deblerre).

(27) Depois da França é a Tchecoslováquia o país que possui a maior coleção de crânios trepanados. Em nada menos de 13 estações pré-históricas foram retirados um e mais crânios dêsse tipo. Os lugares onde se realizaram tais exumações pertencem todos à época de transição entre o neolítico e a época do bronze assim como ao período mais antigo do bronze nenhuma era de data mesmo ligeiramente posterior ao das estações francesas onde são encontradas peças ósseas semelhantes. Assim, deve-se concluir pela ocorrência de uma transmissão de conhecimentos cirúrgicos, de par com a de outros elementos culturais antes do que pelo deslocamento das populações que possuiam tais técnicas operatórias. (Montandon).

Êste fato é tanto mais notável quanto o trabalho de penetração, realizado com a ajuda de grosseiros instrumentos de pederneira que raspavam incessantemente a superfície durissima do osso, era sempre demorado e traumatizante.

Alguns especialistas, tomando para base de estudo um crânio, procedente da estação pré-histórica de Menouville (Seine-et-Oise) e portador de uma trepanação ovalar em bisel, calcularam, diz-nos Arzal, que uma intervenção dêsse tipo duraria em média de uma a duas horas, acarretando sempre enormes perdas sanguíneas.

É também digno de registo que as reações do tecido, surgidas em consequência de tão ousadas manipulações cirúrgicas, eram geralmente normais. Em uma vintena de crânios perfurados de sua propriedade, o Dr. Prunières pôde observar apenas, assevera Debierre, um caso de osteite bem caracterizada. Os outros crânios, naturalmente operados segundo a mesma técnica brutal, apresentavam antes sinais de ter sido imediata a cicatrização dos tecidos lesados.

Nem tôdas as trepanações foram, porém, levadas a efeito em criaturas vivas. O prof. Broca que tão bem estudou o assunto classifica-as, porisso, em dois tipos que denominou, respectivamente, cirúrgicas e póstumas, designações ainda usadas em paleoetnologia. (28)

As do último tipo destinavam-se, conforme presume o autor da discriminação, ao conseguimento de rodelas de osso e, assim, não apresentam qualquer espécie de interêsse de ordem médica. Usados à feição de amuletos, tais fragmentos ósseos teriam por função conjurar os maus espíritos, especialmente os demónios causadores do mal comicial. Forçados a saír da cabeça do enfermo, através da janela aberta pela trepanação, bem poderiam êles sentir-se tentados a penetrar no cérebro de novas vítimas (29) e isso seria o único meio de evitar tamanha desgraça.

Além dos crânios portadores de trepanações completas, no gênero das que acabamos de estudar, outros têm sido casualmente encontra-

(28) A diferenciação dos tais tipos estabelecidos por Broca é, às vêzes, impossível. Em alguns casos, o paciente, não logrando resistir aos efeitos sobremaneira traumatizantes da intervenção, falecia sem que seus tecidos houvessem esboçado, em tôrno da ferida recém aberta, qualquer reação reparadora. Ora, são justamente os sinais de restauração ósseas perceptíveis ao exame que constituem o único critério de que dispomos para ajuizar da natureza da lesão e estabelecer tal diferença. A inexistência pois dos indivíduos apontados, em derredor de qualquer perda de substância, induzira sempre o observador moderno a considerá-lo como tendo ocorrido em um indivíduo já falecido, interpretação essa nem sempre verdadeira. Muito mais fácil é distinguirem-se os orifícios resultantes de trepanações voluntárias, dos que foram motivados por traumatismos violentos sobrevindos em criaturas vivas ou sofridas por seus esqueletos, pois êstes apresentavam ordinàriamente bordos irregulares. Irregulares são também as perfurações de origem patológicas, tais como as causadas por abcessos com necrose óssea por lesões sifilíticas, etc. O problema das perfurações cranianas foi também ventilado com um certo desenvolvimento pelo Barão J. de Baye em seu livro "L'Archéologie pré-historique. Paris, 1888, ps. 148-189 — Trabalho a que também recorremos.

(29) Rodelas ósseas de tamanho igual ao dos orifícios das trepanações têm sido não raro descobertas no interior dos próprios crânios de onde parecem provir. Outras jazem ao acaso junto aos cadáveres sepultados e outras ainda completamente afastados dêles, sem que do fato se possa tirar qualquer conclusão útil ao conhecimento da psique das gentes primitivas.

Muitos dos discos apontados apresentam um ou dois furos circulares provavelmente destinados a deixar passar o fio que os suspenderia ao pescoço do professor.

dos apresentando apenas sulcos mais ou menos profundos cujas disposições levam a suspeitar que se destinavam, em última análise, a fender a calota óssea.

Encontram-se, outrossim, na superfície exterior de crânios neolíticos, sobretudo femininos, lesões ósseas em forma de T que, na opinião de Arzal, resultaram de aplicações repetidas de substâncias cáusticas. Estas teriam sido feitas com o ingênuo propósito de curar cefaléias ou combater manifestações nervosas anormais.

A FEROCIA PRIMITIVA

Vítimas de algumas das enfermidades físicas que comumente afligem os cidadãos do Mundo Moderno, os pré-históricos padeciam também das mais variadas deficiências morais e psíquicas. Eram impulsivos e grosseiros e não trepidavam sequer em praticar o assassínio individual ou coletivo.

Semelhantes afirmativas que, por envolverem aspectos ainda conjecturais da mentalidade dos povos primitivos, poderiam parecer duvidosas, têm um cunho de verdade definitiva; são conclusões que decorrem de maneira fácil do exame de inúmeros ossos evidentemente feridos, partidos ou despedaçados por mãos humanas e que procedem dos diversos horizontes estratigráficos constitutivos do quaternário.

Implícitos testemunhos de seus transportes homicidas são ainda o crânio de mulher, largamente aberto na fronte por um golpe de machado de silex, — crânio que M. L. Lartet descobriu, em fins do século passado, jazendo ao pé do grande velho de Cro-Magnon — e o parietal igualmente feminino que, achado mais tarde na gruta de Sordes, ostentava uma fenda parecida. As duas criaturas, consoante Broca o demonstrou, baseado na existência de indícios inequívocos de restauração hística em derredor das brechas ósseas, lograram sobreviver alguns dias à violência da pancada que as atingiu. O não terem tido morte imediata não significa, todavia, que deixassem de cair vítimas da brutalidade de seus iguais, porventura até parentes consanguíneos.

Outras provas sugestivas e concludentes da truculência do homem da pedra antiga vamos encontrar, já agora, nas pinturas rupestres e, particularmente, na de Morella la Vella (Província de Castellon, Espanha), copiada por Benitez e reproduzida por Louquet, em seu livro sôbre a arte paleolítica.

Remonta o aludido afresco ao leptolítico, talvez ao aurináceo, e representa um grupo de indivíduos que, munidos de arco e flechas, lutam furiosamente entre si. No caso, não se trata, é claro, da simples figuração pictórica de qualquer dansa ritual ou guerreira, uma vez que, junto ao dorso de um dos participantes da estranha cena, cami-

nhando para êle, aparece a nítida silhueta de um dardo, desferido de certo por qualquer de seus contrários.

Assassinatos, morticinios e guerras, tragédias cruentas cujas proporções e minúcias jamais nos serão reveladas, mas de cuja realidade não podemos duvidar, foram comuns em tôda a alta antiguidade pre-histórica.

Mesmo os homens do mesolítico, julgados outrora pacíficos comedores de mariscos, costumavam lançar-se com grande impetuosidade ao ataque de seus semelhantes, seja do mesmo grupo, seja de grupos rivais e inimigos.

Na necrópole de Téviec, encontrou, com efeito, o casal Marthe e Saint Just Péquart (30) a robusta e incontroversa documentação que fundamenta a afirmativa. Aludimos a um esqueleto apresentando duas vértebras, em que se incrustam fragmentos de silex, da forma caracteristica dos projéteis de então; dêstes, um estava intacto, enquanto o outro se quebrara rente ao osso raquiano.

Estudando o caso e orientando-se pela posição em que estavam as duas pontas, pôde o prof. Vallois reconstituir satisfatòriamente a trajetória que ambos haviam percorrido nos tecidos da pessoa sacrificada. Um delas, enterrada na parte posterior da 11ª vértebra, sugeria que houvera penetrado por trás, transpassando as massas musculares do dorso. A outra, alojada no corpo da 6ª vértebra, indicava que, tendo alcançado a sua vítima pela frente e um pouco abaixo da clavícula, atravessou-lhe o peitoral, mergulhando no tórax entre a primeira e a segunda costelas; ao prosseguir caminho, perfurou-lhe o pulmão esquerdo e, por fim, seccionou-lhe a aorta. A morte sobreveio, pois, antes mesmo de meter-se no osso o projétil fatídico.

Dramas semelhantes deviam amiúde reproduzir-se ainda no neolítico, pois os homens da pedra polida não possuiam índole menos rude, nem menos pugnaz que a dos seus predecessores mesolíticos.

Os progressos técnicos que haviam conseguido alcançar, no setor das atividades utilitárias, progressos tornados evidentes pela domesticação das plantas e dos animais e pelo aperfeiçoamento da pesca e da arte de navegar, tanto quanto pela construção de cidades lacustres, de cavernas artificiais e de dolmens, não lhes abrandara sequer as tendências combativas. Eram, sem nenhuma dúvida (31), artistas, agricultores e criadores, mas nada impedia que em seus espíritos, lavrassem, incontidos, o ódio, a ambição e o desejo satânico de matar.

(30) A pugnacidade do homem cujo crânio foi descoberto em Téviec é atestado por uma fratura do maxilar inferior, aliás perfeitamente consolidada e que deve ter sido produzida por um terrível traumatismo. A fotografia deste crânio cuja lesão já mencionamos anteriormente, é reproduzida por Arzal em seu artigo "Nos ancêtres pré-historiques . . .", sem indicação da procedência, nem do nome do autor da descoberta.

(31) Embora sem possuir o senso estético dos cavernícolas de Altamira e das grutas de Lascaux, "a capela Sixtina da pré-história" sabiam pintar e tinham descoberto, além disso, o processo de trabalhar a argila de modo duradouro, criando, por essa forma, uma cerâmica assás elegante e rica em coloridos.

Embora o campo para observações e estudo seja, nesse particular, ainda bastante restrito, os dados que hoje possuimos indicam que tais seriam na realidade os sentimentos que dominavam aquêles velhos habitantes da Europa.

De muitas estações neolíticas retiraram-se, com efeito, ossos humanos: tíbias, úmeros, vértebras, etc. que, perfurados por projéteis de caça ou de guerra, atestam-lhe à saciedade o vigor dos instintos guerreiros.

Vértebras humanas, penetradas por setas de pederneiras, são relativamente fáceis de encontrar nas coleções paleontológicas da França. Provêm, em sua maioria, das escavações efetuadas pelo Barão de Baye nas estações neolíticas de Coizard, Villevenard, Pierre Muchelot no Marne e em Petit Morin, e por Cazalis de Fondonce nas grutas de Costelet.

Ossos golpeados, em condições idênticas, foram outrossim recolhidos por Prunières nas cavernas de Beaumes-Chaudes (Lozère) e por Piette nas grutas de Gourdan. Quase todos guardavam ainda a ponta impacta encravada profundamente na ferida que haviam causado.

Além das cavernas, os dólmens-sepulturas têm, por sua vez, proporcionado aos exploradores outros elementos comprobatórios do mesmo gênero que não deixam margem a dúvidas no tocante ao caráter sanguinário dos homens primitivos. Assim é que, no dólmem — túmulo de Front — Rial (Aveyron), encontrou Baudrimont uma tíbia atingida, em seu terço inferior, pela ponta de um silex de forma prismático-triangular. Volumosa exostose, dura e ebúrnea, formara-se em tôrno do ferimento, sinal denunciador da séria reação dos tecidos lesados. (32)

Outro caso de hiperplasia, consequente a lesão por arma de arremêsso, vamos descobrir no úmero de adulto, originário da estação prehistórica de Oyes. A curiosa peça anátoma-patológica traz inplantada, na parte superior, o fragmento do projétil que a feriu e provocou a neoformação óssea; mostra, igualmente, sinais de osteoperiostite epifisária, indicadores de que o ferimento causou alí um estado doentio assás pronunciado.

Entre os numerosos legados do mesmo tipo com que os pesquisadores antigos e modernos enriqueceram o patrimônio da arqueologia, merece ser citado ainda o crânio humano dolicocéfalo, atingido por um dardo cuja parte vulnerante era feita de chifre de alce e que resultou das escavações realizadas por Nilsson numa sepultura de Tygelsjo.

O achado é interessante porque, além de nos lembrar remotos conflitos entre homens primitivos, revelam mais uma vez a extraordinária fôrça de penetração de suas armas e a determinação e o vigor com que as sabiam manejar.

(32) Descoberta idêntica foi levada a efeito por Zilienski na mesma estação prehistórica.

Examinando melhor a velha sepultura que explorava, pôde aquêle professor observar, jazendo ao lado dos restos do indivíduo cujo crânio estava assim ferido, trinta a quarenta esqueletos da mesma raça dolicocefala, de envolta com numerosos fragmentos ponteagudos de pederneira. Para explicar a presença daqueles petrechos de guerra, supõem alguns autores que êles teriam servido para prostrar os indivíduos junto aos quais foram descobertos e estariam, portanto, primitivamente mergulhados nos tecidos moles das vítimas. Outra hipótese de feição igualmente trágica que poderia ser formulada em tôrno do assunto é a de que os silex pertenciam aos próprios mortos e, ali se encontravam por terem sido enterrados com os seus donos, êstes sacrificados, talvez, no decorrer de qualquer encontro porfiado e sangrento. Qual das hipóteses é a verdadeira jamais o saberemos, fato sem muita importância porque, em qualquer dos casos, fica evidenciado que houve luta cruenta e isso basta para documentar a fereza de ânimo dos nossos antepassados.

A ANTROPOFAGIA

Além de impulsivos, briguentos e sanguinários, eram os primeiros ocupantes do solo da Europa Ocidental canibais na expressão mais crua do têrmo. Não dispomos, é certo, de provas positivas e irrefragáveis que demonstrem a exatidão de semelhante afirmativa, mas nós assim concluimos tomando por base indícios numerosos e veementes. Tais indícios permitem presumir que, tendo-se tornado carnívoro em virtude de uma premente necessidade alimentar, cêdo êles acabaram descambando para a canibalismo puro e simples, levados pelo imperioso desejo de sobrevivência. (33)

O instinto da competição, vasado nalma do homem pela própria natureza animal, exacerbando-se pela fome, transmudou-se, desde logo, em hábito arraigado.

Mais tarde, a essa causa direta, imediata e, por que não dizer, fatal do canibalismo vieram juntar-se vários motivos menores, tais como o desejo de vingança, a perversão do gôsto, superstições e crendices que deram, ao costume instituído, um caráter excessivamente complexo.

Devorando a carne de seus semelhantes, muitos povos antigos pensariam talvez, à maneira de como pensam alguns selvagens dos

(33) Várias teorias vem sendo aventadas com o fim de explicar as origens do canibalismo. A teoria alimentar que considera a fome como sendo a causa dêsse velho costume foi terminantemente rejeitada por alguns especialistas em virtude da existência da antropofagia no seio de populações que dispõem de recursos alimentares abundantes e variados. A objeção, todavia, não procede pois há que distinguir as condições primitivas que determinaram a eclosão dêsse fenômeno social e as que fizeram sobreviver, até os nossos dias entre populações ricas e, por vêzes bastante cultas. A teoria alimentar, deve ser, pois, não obstante essas e outras objeções, considerada ainda a mais racional e lógica. Assim o demonstrou Paul Descamps. (Le Caninbalisme, ses causes et ses modalités. L'Anthropologie tome XXXV. Paris, 1925.

nossos dias, que se apropriavam, ao mesmo tempo, da coragem, do valor físico e até das qualidades psíquicas que, porventura, possuíssem as pessoas de que faziam seu pasto.

Tendo-se perpetuado sob as mais variadas formas até os tempos históricos, o hábito da antropofagia recua, na Europa, ao Paleolítico.

Atesta a alta ancianidade de tão bárbara usança a existência de ossos de mulheres e de crianças mais ou menos carbonizados, alguns até fendidos, como os dos próprios animais, em meio de restos de cozinha provenientes das estações pré-históricas daquela época distante.

Muitos dos despojos apontados apresentavam em suas extremidades esponjosas, estrias e acanaladuras que poderiam perfeitamente ter sido produzidas por dentes humanos. (34)

Nas condições apontadas, estavam os ossos aliás bastante numerosos, retirados por M. Marion da estação de Saint-Marx (Aix-en-Province), bem como os que Capellini descobriu na ilha de Palmaria (Itália), Spring, na Bélgica, e Richard Owen na Escócia.

Pouco escrupulosos na luta pela existência e vivendo numa sociedade onde imperava a lei do mais forte, o primitivo não trepidava, pois, em devorar mulheres e crianças, fato de suma importância se levarmos em conta que os povos que adotam semelhante atitude estão votados à extinção num prazo relativamente curto.

ESTATURA E COMPLEIÇÃO

Focalizada a mentalidade dos primitivos europeus através de seus impulsos, hábitos e costumes, rememoradas algumas das enfermidades que os vitimavam, ocorrem naturalmente agora algumas indagações a respeito do tipo somático que possuiam. Eram êles, na realidade, conforme se presume, seres sobremaneira altos e donos de uma robustez que julgariamos hoje fora do comum?

A suposição embora decorra de fatos verdadeiros, só é exata dentro de certos limites. Muitos anos de pesquisas no campo da paleoantropologia física viemam, com efeito, revelar que apenas possuiam semelhantes características morfológicas os homens de Cro-Magnon, ou sejam os caçadores de rena do Périgord — descritos pelos especialistas como indivíduos cujos membros podálicos seriam particularmente longos e rijos, tal convinha a quem se entregava de maneira habitual a demoradas excursões venatórias — e os da raça de Grimaldi — também atletas e marchadores incansáveis. Via de regra os outros europeus da idade da pedra, não obstante vigorosos, mostravam uma compleição que nada tinha de hercúlea.

A estatura, por sua vez, ainda que, variasse, de acôrdo com a época considerada, com a idade e o sexo dos indivíduos examinados, conservava-se, quase sempre, abaixo da média de tamanho vigorante

(34) Joly, op. cit. pág. 315.

em nossos dias, para populações nórdicas da Europa e para os americanos do norte. Nos Estados Unidos considera-se, de fato, pequena tôda pessoa cuja estatura não ultrapassa 1,65m.

A altura que oscila no paleolítico inferior, entre 1,60m aproximadamente (Pithecanthropus) e 1,56m (Sinanthropus); desce, no paleolítico médio, a 1,55m (Homem de La Chapelle-aux-Saints), para subir novamente, no paleolítico superior, a 1,79m (Grimaldi), 1,82m (Cro-Magnon) 1,66m (Chancelade); no mesolítico, ia ela de 1,44m a 1,67m e no neolítico, é apenas de 1,62m. (35)

O professor Ch. Debierre assegura, por sua vez, que a maior dimensão vertical encontrada em esqueletos humanos pré-históricos é a do esqueleto de Menton que mede 1,85m e a menor a de Furfooz com 1,50m. Os esqueletos de Neanderthal e de Brux teriam, em média, 1,70m.

DURAÇÃO DA VIDA

Relativamente baixos e dotados de uma fortaleza física que, na maioria dos casos, nada tinha de extraordinária, sujeitos aos ataques das mais diversas enfermidades psíquicas e somáticas, rudes e agressivos, os antepassados dos europeus modernos não conheciam a euforia da vida, nem o bem estar físico e mental que são, sob determinados aspectos, o apanágio do civilizado dos dias que correm.

Vivendo em luta sem descanço contra os elementos, contra os animais e contra os seus semelhantes, sucumbiam cêdo, o que tornava, dêsse modo, a média da vida, entre êles, bem inferior à média atual. (36)

Que a duração da vida era, outrora, mais curta que a de hoje é conclusão que flui não só do que acabamos de enumerar mas também dos fatos seguintes, postos em relêvo pela quase totalidade dos especialistas que se ocupam de assuntos relativos à pré-história. Referimo-nos à enorme discrepância que existe, nas coleções paleontológicas de todo o Mundo, entre o número de esqueletos e fragmentos de esqueletos pertencentes a crianças e jovens, de um lado, e, do outro, o total de peças ósseas que integravam indivíduos adultos e velhos. A desproporção apontada que não pode ser tida como fruto de acaso, demonstra, pois, de modo insofismável, serem os óbitos prematuros e a morte de pessoas que sucumbiam em plena juventude, a regra naquele longínquo passado. Ora, todos sabem que a frequência de óbitos de criaturas jovens faz baixar sensivelmente o índice médio de vida entre os grupos humanos.

Outro elemento capaz de servir de base para indiretamente ajuizarmos do tempo de duração da vida do homem pré-histórico é a anomalia que apresentam muitos crânios provenientes daquele período,

(35) Yves Arzal "Nos ancêtres pré-historiques suffraient des mêmes maux que nous" Science et Vie n. 419 — 1952.

(36) Vallois, estudando 175 crânios de Neanderthal, concluiu que dêles apenas 3 se referiam a indivíduos tendo atingido 50 anos. V. Vallois. La Durée de la vie chez l'Homme Fossile — Comptes Rendus T. 204 p. 60 (Apud Betim).

anomalia que consiste numa disparidade flagrante entre o adiantado processo de consolidação das suturas ósseas e o relativo atraso em que nêles permanece a evolução dentária.

Para melhor compreensão do assunto, lembraremos que a ossificação das suturas cranianas é um caráter dos mais constantes na velhice e que uma demora qualquer, na marcha do desenvolvimento dentário, pode ser causado pelo raquitismo, doença aliás comuníssima naquelas épocas pretéritas; ou ainda indicar vários outros distúrbios de natureza patológica. A simultaneidade, porém, dos dois fenômenos em um mesmo indivíduo sugere antes que, embora seja êle cronologicamente jovem, como parece demonstrar o estado dos dentes, experimentou uma brusca aceleração do crescimento que o teria levado precocemente à maturidade, condição fisiológica esta que é, por sua vez, atestada pelo grau de ossificação das áreas cartilaginosas.

O raciocínio nada tem de arguto, pois ainda hoje êsse dinamismo vital precipitado se manifesta nos povos selvagens de todo o Mundo. Necessitando de fôrça bruta e tenacidade para subsistir, êles amadurecem depressa, isto é, terminam de maneira rápida as primeiras fases do ciclo de sua existência, atingem cedo a virilidade, para logo mergulhar no ocaso de uma rápida velhice.

Aceito, como verdadeiro, que as condições ambientes tendiam a apressar as trocas orgânicas dos primitivos, ou antes, concorriam para lhes encurtar o período de infância e de juvenilidade, estaria, *ipso facto*, admitida a relativa brevidade de sua existência. Isso porque a longevidade do ser humano, como a de qualquer outro vertebrado, acha-se, de um modo geral, na dependência do tempo que leva para alcançar seu pleno desenvolvimento somático, e é inversamente proporcional a êsse mesmo tempo. (37)

Yves Arzal, fundamentando suas deduções em estudos levados a efeito por um grupo de especialistas que tinha em mira determinar a idade provável dos esqueletos fósseis pelo estado das suturas cranianas, teve por sua vez o ensejo de concluir que, no paleolítico, a vida não ia além de 55 anos.

Era isso, acrescenta êle, um teto quase nunca ultrapassado, enquanto hoje a "vida normal" pode chegar a níveis muito superiores.

(37) Isso segundo a fórmula de Bunge que faz depender a **longevidade de um indivíduo** qualquer do tempo que êle leva para alcançar seu pleno desenvolvimento físico, sendo a êle inversamente proporcional.

Quanto mais rapidamente, diz Bunge, um animal duplicar o pêso que apresente ao nascer, tanto mais curta será a sua passagem sobre a terra. Aliás a prova experimental do princípio em que se baseia a fórmula de Bunge já foi realizada.

Numerosas pesquisas mostram, com efeito, que protelando para certos animais a época normal do acesso à idade adulta podemos lhes retardar bastante a decrepitude e mesmo a hora da morte, fato para cuja demonstração foram realizadas, há alguns anos atrás, pelos biologistas Mac Cay e Mary Croxeil da Universidade de Cornel, experiências curiosas e sugestivas. Administrando a ratos, entre a desmama e a idade de vinte e oito mêses, um regime suficientemente rico em vitaminas e substâncias minerais mas deficitário em calorias, êles conseguiram atrasar-lhe o crescimento de maneira notável. Êste se fêz em mil dias em lugar de cento e vinte, como deveria ocorrer. Os ratos em estudo viveram muito mais tempo do que os espécimes testemunhos, normalmente alimentados; o mais longevo daquêle grupo atingiu a idade de quatro anos, enquanto que o dêste não viveu sinão dois anos e oito mêses (J. Dauven).

E prossegue: a existência devia ser ainda mais fugidia do que a assinalada, em certas regiões do Mundo Antigo, como na Bretanha, por exemplo, onde as condições de clima e de alimentação reinantes se mostravam desfavoráveis para o homem. Naquêle trecho da costa francesa, durante o mesolítico, a vida jamais ultrapassou de 47 anos para os homens e de 45 para as mulheres; o transpasse sobrevinha ordinàriamente entre vinte e trinta, enquanto muitas crianças morriam em tenra idade.

Entre populações neolíticas, achou-se, diz êle, que apenas 7% de indivíduos lograram transpor a casa dos sessenta.

H. V. Vallois, reputada autoridade em paleoetnologia, afirma, também, com a natural prudência que lhe impõe o justo renome, que "a duração de vida entre os homens fósseis era notàvelmente menos dilatada que em nossos dias". E acrescenta: "Num total de cento e oitenta e sete indivíduos cuja idade foi possível determinar, mais de um terço (55% dos homens de Neanderthal; 34,3% dos homens do paleolítico superior; e 37% dos mesolíticos) sucumbiram antes de atingir 20 anos.

A grande maioria dos que sobreviveram (40% dos homens de Neanderthal; 53,9% dos homens do paleolítico superior e 58,5% dos mesolíticos) findou-se entre vinte e quarenta anos.

Além desta idade limite restaram, pois, dezoito indivíduos, (com as proporções seguintes para as três épocas: 5%, 10,8% e 15%. Dêstes apenas três conseguiram transpor a casa dos cinquenta. Eram êles o homem de Obercassel, um dos sepultados d'Hoedic e um dos de Montardit. Nem mesmo qualquer dos indivíduos apontados chegou à velhice propriamente dita, pois todos apresentam ainda abertos largos trechos de suas suturas cranianas".

"Diferenças notáveis se evidenciam também, diz-nos, por sua vez, R. Lantier (38), entre a duração da vida do homem e da mulher do passado. Os quatro neanderthalenses que viveram mais de trinta anos são todos homens; no paleolítico superior, num total de onze indivíduos de sexo conhecido que alcançaram idade superior a quarenta anos, dez eram homens; e no mesolítico, são ainda homens os três indivíduos maiores de quarenta.

No que diz respeito à mortalidade, ocorrida entre vinte e trinta anos, a proporção é, entre homens e mulheres, exatamente inversa".

A curta duração da vida dos homens pre-históricos é, como regista o próprio Vallois, um fato natural, enquanto a longevidade que se observa nos dias atuais é uma consequência do progresso material alcançado pela humanidade.

Se fôssemos colocados nas mesmas condições de existência dos nossos remotos antepassados, é certo que a média de nossas vida seria perfeitamente igual a dêles.

(38) Raymond Lantier "La vie pré-historique", Paris, 1952.